

**NA COMPANHIA DA MÃE D'ÁGUA: TRADIÇÃO, MEMÓRIA E
AFRODESCENDÊNCIA NAS IDENTIDADES RIBEIRINHAS**

Nerivaldo Alves Araújo¹

Resumo: Neste trabalho, discute-se a presença das marcas da cultura afrodescendente na narrativa oral da Mãe d'Água, que faz parte do imaginário ribeirinho do Velho Chico na região do Mocambo dos Ventos entre os municípios de Barra e Xique-Xique. Aborda-se ainda a presença do discurso do branqueamento e o processo de construção da identidade afrodescendente nesta região.

Palavras-chave: afrodescendência, identidade cultural, memória, narrativas.

Neste trabalho, discute-se sobre narrativas orais do Mocambo dos Ventos na margem ribeirinha do Velho Chico, região de Barra e Xique-Xique na Bahia, especificamente a narrativa sobre a Mãe d'Água. Narrativas orais como esta constituem-se em elemento fundamental para a compreensão do processo de consolidação da memória e da identidade cultural ribeirinha, uma vez que são reveladoras do imaginário local.

Apresenta-se neste estudo, a narrativa “A mãe d'Água”, destacando-se as marcas ideológicas e os elementos identitários presentes, os quais mostram a diversidade cultural. Procura-se discutir toda uma simbologia e representações culturais trazidas pela narrativa. Ainda se destaca e se comenta sobre a afrodescendência, como uma marca do multiculturalismo, presente na identidade cultural ribeirinha.

O Mocambo dos Ventos e região constitui-se num espaço de resistência e de preservação da memória cultural, principalmente a afrodescendente, pois traz em suas manifestações culturais (narrativas, samba de roda, cultos religiosos e festas) as marcas de uma cultura híbrida, rica e diversificada. Canclini (2006) nos leva a compreender melhor a hibridização quando a considera como processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, novos objetos e novas práticas.

¹ Doutorando em Literatura e Cultura – UFBA, Professor auxiliar - UNEB. E-mail: neriaraujo@hotmail.com



Conforme as estatísticas atestam, o Brasil é o segundo país do mundo que apresenta a maior quantidade de negros. Somos a maior população negra fora da África e dessa forma não há como negar, no Brasil, a expressiva presença demográfica de afrodescendentes², pois os valores da ancestralidade africana encontram-se presentes e muito atuantes no processo de construção da identidade e da cidadania.

Contudo, percebe-se, ainda na contemporaneidade, a desvalorização dos elementos das cosmovisões de matrizes africanas e que os valores determinados pela cultura do branco de origem europeia são considerados superiores, fazendo com que em certos momentos da história cultural brasileira, os afrodescendentes venham desenvolver uma autoimagem negativa. Isto, segundo Fanon (2008), como fruto de uma opressão do colonizador, do branco sobre o negro, o qual muitas vezes chega a vestir a máscara branca para poder existir dentro deste contexto.

Nota-se que o próprio sistema social contribui para a perpetuação de um processo de exclusão do afrodescendente. O próprio negro, desde muito tempo atrás, costumava quase sempre negar a sua cultura e sua tradição, pois

O africano escravizado, com sua estranheza e diferença, era tanto mais aceito quanto mais negava e se distanciava de seus ritos e de sua cultura. Só na negação de si mesmo ele podia ser reconhecido como gente, como pessoa, como humano (GÓIS, 2008, p. 87).

Essa situação é reafirmada pelo discurso do “branqueamento” (FANON, 2008), estimulado por parcelas da sociedade, através da mídia e da literatura, que atrelavam, há até bem pouco tempo, a imagem do negro a estereótipos negativos, reforçando o preconceito racial criado no Brasil desde a época da colonização.

Muitas vezes, os valores negativos sobre o negro são repassados e incorporados dentro de um grupo social, causando o desenvolvimento de uma identidade que inclui representações estigmatizadas, como se pode observar na fala da Sr. Valdemar Caxiado da Silva, morador do Mocambo dos Ventos, em parte de sua narrativa sobre a Mãe d'Água: “[...] Era assim: cabelão bom [...]”. Quando afirma que o cabelo da Mãe d'Água é “bom”, percebe-se a reprodução pelo próprio afrodescendente, de um discurso preconceituoso, pautado em valores da cultura do colonizador (branco) que desmerece e

² De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, PNAD, IBGE (2007), a população brasileira é composta de 49,5 % de negros (pardos ou pretos) que se autodeclararam, comprovando que, praticamente, metade da população brasileira constitui-se de afrodescendentes. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2007/sintese/tab1_2.pdf. Acesso em: 17 set. 2009.

desqualifica o negro, uma vez que é comum ouvi-los dizer que o negro tem o cabelo “ruim”.

O Brasil, país que se constitui culturalmente numa pluralidade de grupos étnicos, apresenta um imaginário coletivo que é compartilhado, evidentemente, por toda a coletividade social. Muito desse imaginário coletivo está relacionado à cultura do afrodescendente, logo

O desenvolvimento da identidade do brasileiro está absolutamente condicionado à participação dos africanos na vida brasileira e sua sabedoria está presente nas manifestações culturais, nos gestos e nas relações (FERREIRA, 2004, p. 40).

E os seus valores, repassados de geração a geração, agem diretamente no processo de formação da cidadania.

O desmerecimento da cultura e da imagem do afrodescendente perpetua-se em nossa história há muito tempo, sob o amparo do clero. Segundo FERREIRA (2004), o homem africano e seus valores foram associados a qualidades negativas pelo europeu desde antes do processo de colonização do Brasil e a Igreja Católica era a agência legitimadora dos valores e práticas humanas que iam de encontro ao negro e à sua cultura, com a intenção de regulamentar as ações dos cruzados e dos colonizadores. Para reforçar tal aceção e entender como se consolida, desde a idade média, o uso dessas práticas, traz-se a bula *Romanus Pontifex*, de 8 de janeiro de 1454, do Papa Nicolau V, a esse respeito:

Não sem grande alegria chegou ao nosso conhecimento que nosso dileto filho d. Henrique, incendiado no ardor da fé e zelo da salvação das almas, se esforça por fazer conhecer e venerar em todo o orbe o nome gloriosíssimo de Deus, reduzindo à sua fé não só os sarracenos, inimigos dela, como também quaisquer outros infiéis. **Guinéus e negros tomados pela força, outros legitimamente adquiridos** foram trazidos ao reino, o que esperamos progrida até a conversão do povo ou ao menos de muito mais. Por isso nós, tudo pensado com devida ponderação, concedemos ao dito rei Afonso a plena e livre faculdade entre outras, de invadir, conquistar, subjugar a quaisquer sarracenos e pagãos, inimigos de Cristo, sua terra e bens, a todos reduzir à servidão e tudo praticar em utilidade própria e dos seus descendentes. Tudo declaramos pertencer de direito in perpetuum aos mesmos d. Afonso e seus sucessores, e ao infante. Se alguém, indivíduo ou coletividade, infringir essas determinações, seja excomungado [...] (RIBEIRO, D., 1995 apud FERREIRA, 2004, p. 41, grifo nosso).

Na atualidade, como se tem conhecimento, tais procedimentos discriminatórios não são mais tolerados na sociedade brasileira. A presença das leis anti-racismo, da lei

10.639/03, alterada pela 11.645/2008³, que versa sobre a obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena para estabelecimentos de ensino fundamental e médio, públicos e privados, em todo o país, bem como de outros atos legais voltados para essa esfera, tem coibido atitudes racistas explícitas e motivado, de certa forma, a valorização da cultura afrodescendente.

Mas não impede que indiretamente, preconceitos contra os negros e sua cultura ainda existam dentro da sociedade. Ou seja, o discurso do “branqueamento” até agora não foi banido da realidade social brasileira, pois o afrodescendente ainda enfrenta, nos dias de hoje, uma constante discriminação racial, de forma aberta ou encoberta. Dessa forma, não se pode negar que “a identidade da pessoa negra traz do passado a negação da tradição africana, a condição de escravo e o estigma de ser um objeto de uso como instrumento de trabalho” (FERREIRA, 2004).

Mas, no Mocambo dos Ventos, essa identidade e a condição de escravo não é negada. Os seus moradores reconhecem a sua descendência de negros escravizados, o que consolida o local como um lugar de remanescentes de quilombos. Após ser questionada sobre a sua descendência, a Sra. Maria Alexandrina Caxiado, moradora do povoado desde o nascimento, não hesitou em afirmar-se descendente de escravos. “A minha bisavó era escrava fugida. Foi pega no mato, braba, de dente de cachorro [...] Aqui todo mundo é descendente de escravo”.

Dentro de um universo que deforma toda essa diversidade cultural, criado pelo branco colonizador europeu, o afrodescendente segue enfrentando dificuldades para o desenvolvimento de sua identidade. É preciso assim, compreender a maneira como ele desenvolve essa identidade, principalmente em contextos sociais adversos. A literatura negra é um exemplo de sobrevivência nessa adversidade. Sabe-se que a literatura negra brasileira, como nos mostra BERND (2003, p. 18) “tem sua gênese no resgate de uma memória coletiva solapada pelo monologismo da historiografia oficial”.

Com as narrativas orais do Mocambo dos Ventos não acontece de forma diferente, que, por fazerem parte de uma comunidade formada por afrodescendentes,

³ Segundo a Lei Federal 11.645 de 10 de março de 2008, o conteúdo programático deverá incluir diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. Estabelece ainda que os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e de história brasileiras.

não recebem a devida valorização e reconhecimento literário. Como se tem conhecimento, manifestações literárias como estas têm sido marginalizadas pelo cânone, porque, segundo Duarte (2002), a literatura negra, de certo modo denuncia o caráter etnocêntrico de muitos dos valores adotados pela academia literária. Elas são excluídas do rol das literaturas tidas como belas, devido à falta do purismo, ou seja, ao fato de que o conservadorismo estético elege como belo canônico universal uma literatura sem contaminação com as contingências ou pulsões da história.

Proibidos pelos senhores de escravos de manifestarem a sua cultura, os negros escravizados aqui no Brasil tiveram que criar elementos que os permitissem sobreviver culturalmente e uma das alternativas foi a ressignificação dos seus laços culturais. Surge daí, o sincretismo⁴ religioso como forma de manter os cultos de suas divindades que tiveram de ser batizadas com os nomes dos santos católicos, camuflando os rituais religiosos de origem. Como a religião, muitos aspectos da cultura negra tiveram que ser reinventados para que pudessem ser aceitos em suas práticas, tornando-se elementos da identidade cultural.

A construção da identidade afrodescendente, diante de toda uma história de supressão cultural, traz a marca da reinvenção e do compartilhamento de traços culturais. Assim, a hibridização passou também a ser a marca dessa identidade, que através da adaptação da sua cultura à nova realidade, acabou incorporando elementos da hegemonia europeia, proporcionando a construção de uma nova identidade cultural.

E assim, esse processo se desenrola até hoje. A tradição oral nos proporciona apreender as marcas do multiculturalismo presentes na identidade afrodescendente, sendo que, na vivência desses povos ainda é latente a prática da ressignificação de marcas culturais, pois tal como na época da colonização, o processo de desmerecimento e supressão dos laços da afrodescendência continuam no contexto sociocultural brasileiro.

Firmar uma identidade afrodescendente, portanto, exige o reconhecimento de diversas marcas multiculturais que são incorporadas nesse processo. Muitas vezes, há nessa identidade do afrodescendente, uma afirmação ideológica que não lhe favorece e

⁴ Sincretismo visto como uma intermistura de elementos culturais, o que dá uma nova fisionomia às culturas que se colocam em contato. Ressalte-se que “o sincretismo não é uma coisa fixa, cristalizada, mas variável. Continua ainda hoje sua evolução criadora, pois penetrou de tal forma nos costumes que dá sempre lugar a novas identificações” (BASTIDE, 1973, p. 164).

também o soterramento de elementos de sua cultura capazes de o identificarem com maior fidedignidade. Dessa forma, segue procurando firmar-se nessa instabilidade identitária em que a sua condição sociocultural na maioria das vezes, dificulta o seu autorreconhecimento, a sua autoidentificação.

A Mãe d'Água é uma personagem que faz parte do imaginário brasileiro em todas as regiões. A sua presença no imaginário dos povos do Mocambo dos Ventos é inegável, visto que são muitos os relatos em que ela aparece. Cascudo (2008) afirma que em todo o Brasil, a Mãe d'Água é conhecida como a sereia europeia, alva e loura, meio peixe, cantando para atrair o namorado, que morre afogado ao acompanhá-la para as bodas no fundo das águas.

Porém, essa sereia acaba também sofrendo as personificações e características das culturas afrodescendentes e indígenas. Toma-se como base, o mito europeu da sereia, mas é ressignificado de acordo com a diversidade cultural brasileira. Assim, vale reforçar, que no Brasil, este mito não é exclusivamente europeu, pois como a maioria dos mitos, a Mãe d'Água está presente de formas diferentes nas diversas culturas, não tendo origem em lugar específico, mas existindo concomitantemente.

Para Leite (2003, p. 96), “o ciclo da Mãe d'Água é apontado nos estudos brasileiros, como assentado no cruzamento entre os imaginários indígena, português e africano. Entretanto, em certos casos, ele seria mais fortemente africano”. Tal assertiva vem confirmar a força da figura da mãe africana, da deusa-mãe que chegou ao Brasil através de Iemanjá, que representa a Mãe d'Água. Para as culturas afrodescendentes, ela é a deusa dos rios, das fontes e dos lagos, “resultante de um sincretismo mítico, onde concorrem três orixás yorubás, principalmente Yemanjá, Oxum Anamburucu ou Nanan” (RAMOS, 1940, apud LEITE, 2003, p. 96).

Com isto, a influência africana acabou por sobressair-se, mas não se pode deixar de ressaltar que o português, por não compreender direito a mítica indígena, ou mesmo compreendê-la a partir de outros signos mais familiares, acabou associando também o mito indígena das Ipuiparas⁵ e das Cis⁶ com a Mãe d'Água. Sendo assim, houve uma ressignificação desses mitos sobre as figuras aquáticas, destacando-se uma visão da Mãe d'Água, a qual ajuda os pescadores e moradores ribeirinhos em troca de presentes, de donativos. As narrativas sobre a Mãe d'Água, trazidas pelos moradores do Mocambo

⁵ Para Cascudo (2008, p. 283) “Ipuipara é o gênio das fontes, animal misterioso, que os índios davam como o homem marinho, inimigo dos pescadores, mariscadores e lavadeiras”.

⁶ Segundo Cascudo (2008) o indígena não concebe nada do que existe sem mãe, a quem a chama de “Ci”. A mãe é sempre necessária para que haja a vida. Devia haver uma “Ci” para todas as espécies animais, vegetais e minerais.

Em todas as narrativas apresentadas, percebe-se que a personagem encontra-se totalmente inserida no cotidiano do lugar, uma vez que os narradores afirmam ter visto ou ouvido contar uma história sobre sua aparição. Constitui-se como um ser encantado que habita as águas do rio, assim como em outras regiões do Brasil. Como se vê nas descrições feitas, é considerada uma mulher bonita, de cabelos compridos e com o rabo de peixe. Isso nos mostra a associação com a figura mitológica portuguesa de uma sereia que é mulher da cintura para cima e peixe da cintura para baixo, geralmente vista sobre uma pedra e penteando os cabelos.

Mas essa imagem, apesar de associada à forma europeia da sereia, é relatada como de cor “roxa” assim como a dos narradores e não de cor branca. O cabelo também deixa de ser louro para tornar-se escuro. Quanto à cor, é comum entre os ribeirinhos, utilizarem a denominação “roxa” para representar o seu fenótipo negro, o que se entende como uma forma costumeira de reduzir-lhe o peso da descendência africana e da escravidão. A associação com o fenótipo negro faz com que a Mãe d’Água assuma uma identidade mais próxima dos seus narradores, o que lhe dá um pertencimento maior à sua cultura. Um indício dessa associação é que a Iara encontrada no Norte do Brasil se apresenta com fenótipo branco e cabelos claros, diferente da região do Mocambo dos Ventos.

O comportamento dessa mulher sereia assume uma identidade da mãe africana no momento em que premia o pescador, ofertando-lhe uma grande quantidade de peixes. “Era a Mãe d’Água que ajudava, que dava, só dava o peixe que a gente botava a rede” (Sr. Domingos). Esse é o comportamento da deusa-mãe africana que ajuda seus filhos e que recebe ofertas de prendas, como no caso do sabonete que muitos também afirmam presentear-lhe, em troca da sua ajuda. Como se pode ver em outras narrativas da região, as histórias da Mãe d’Água trazem como uma marca da religiosidade, o culto das oferendas, que está em todas as matrizes da cultura brasileira: indígena, portuguesa e africana. Para alcançar uma graça, nesse caso a boa pescaria, os peixes em abundância, deve-se presentear essa deusa-mãe encantada, isto é, desenvolver a prática da oferenda.

As considerações finais deste trabalho se voltam para uma visão que direciona a uma literatura como um lugar de entrecruzamento de linguagens, um lugar de construção e desconstrução de identidades. Identidades que navegam entre as margens em busca de um porto possível, de um reconhecimento diante de toda uma coletividade. Nesse sentido, conclui-se que a “Mãe d’Água”, assim como as outras narrativas orais

tão bem apresentadas pelos seus narradores no Mocambo dos Ventos, nos permite entender esse processo de construção identitária na região ribeirinha, por trazer, claramente, as marcas ideológicas oriundas das diversas culturas que ali co-habitam.

Dentro do imaginário ribeirinho, há uma fusão de diversos valores, conceitos e saberes que, através da oralidade, têm permanecido na memória cultural, resistindo a essa carga de “modernidade” trazida pelas tecnologias. Em todas as narrativas, as culturas indígena, europeia e africana deixam sua marca, mesmo modificadas ou ressignificadas. Como se pode observar na narrativa sobre a “Mãe d’Água”, a identidade dos povos do Mocambo dos Ventos, nas margens do Velho Chico, se constrói muitas vezes sob a influência de marcas que fortalecem o discurso do branqueamento e desmerecem a cultura e a identidade afrodescendente.

REFERÊNCIAS

BASTIDE, Roger. **Estudos afro-brasileiros**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

BRASIL. Lei no 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 11 mar. 2008.

BERND, Zilé. **Literatura e identidade nacional**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. Tradução Introdução Gênese Andrade. 4. ed. 1. reimp. São Paulo: EDUSP, 2006.

CASCUDO, Luiz Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Edição revista, atualizada e ilustrada. 2. reimp. São Paulo: Global Editora, 2008.

DUARTE; Eduardo de Assis. Notas sobre a Literatura Brasileira Afro-descendente. In: SCARPELLI, Marli Fontini; DUARTE; Eduardo de Assis. (Orgs.) **Poéticas da diversidade**. Belo Horizonte: UFMG/FALE: Pós-Lit., 2002.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afro-descendente: identidade em construção**. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura negra, literatura afro-brasileira: como responder à polêmica. In: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré (Orgs.). **Literatura afro-brasileira**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais, Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

GÓIS, Aurino José. O diálogo inter-religioso entre o cristianismo e as tradições afro-brasileiras. In: AMÂNCIO, Maria da Costa (Org.). **África-Brasil-África**: matrizes, heranças e diálogos contemporâneos. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, Nandyala, 2008.

IBGE (2009). Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em: 04 set. 2009.

LEITE, Mário Cezar Silva. **Águas encantadas de Chacororé**: natureza, cultura, paisagens e mitos do pantanal. Cuiabá: Cathedral Unicen Publicações, 2003. (Coleção Tibanaré de estudos matogrossenses; v. 4)